

Bem acima do silêncio escrevo teu nome

Poesia e Holocausto

Anne Ranasinghe **Charlotte Delbo** Ingeborg Bachmann **Irena Klepfisz**
Jerzy Ficowski **Mascha Kaléko** Motele **Nelly Sachs** Paul Celan
Paul Éluard Peretz Markish **René Char** Rose Ausländer **Santino Spinelli**
Selma Merbaum **Tadeusz Różewicz** W. H. Auden **Wisława Szymborska**

Sumário

Apresentação, 03

Anne Ranasinghe, *Para minha mãe*, 06

Charlotte Delbo, *Oração aos vivos para que sejam perdoado por estarem vivos*, 10

Ingeborg Bachmann, *Sem título*, 12

Irena Klepfisz, *Estas palavras são dedicadas àqueles que morreram*, 14

Jerzy Ficowski, *Sem Título*, 18

Mascha Kaléko, *Receita*, 20

Motele, *Sem título*, 24

Nelly Sachs, *Coro dos salvos*, 26

Paul Celan, *Falar com os Becos sem Saída*, 30

Paul Éluard, *Liberdade*, 32

Peretz Markish, *Sem título*, 38

René Char, *Vassalagem*, 40

Rose Ausländer, *Ainda, estás aqui*, 42

Santino Spinelli, *Auschwitz*, 44

Selma Merbaum, *Um Poema*, 46

Tadeusz Różewicz, *Minha poesia*, 48

W. H. Auden, *A Lei Semelhante ao Amor*, 52

Wisława Szymborska, *O campo de fome nos arredores de Jasło*, 56

Lista de imagens, 60

Este material é de uso pedagógico, sua venda e reprodução são proibidas.
Se compartilhados, todos os poemas devem ter autorias, traduções e fontes citadas.

Apresentação

O ano é 1943. A França está ocupada pelos nazistas. Pessoas são impedidas de ir e vir, mas palavras furam o bloqueio. *Liberdade* é lançada nos céus de toda a Europa por aviões aliados.

Um dos responsáveis por fazer com que chovessem versos foi Cícero Dias, posteriormente condecorado pelo governo francês com a Ordem Nacional do Mérito. O pintor brasileiro conseguiu que o poema de Paul Éluard – escrito em 1942, originalmente sob o título *Um Só Pensamento* – chegasse clandestinamente à Inglaterra. Vem de *Liberdade* o nome desta antologia: *Bem acima do silêncio escrevo teu nome – Poesia e Holocausto*.

Esta coleção contém materiais escritos não apenas por membros de comunidades judaicas, o maior grupo perseguido pelos nazistas, mas também de pessoas que foram alvejadas por outros motivos. Alguns pertenciam a grupos políticos ou religiosos que se opunham abertamente ao Terceiro Reich, ou eram LGBTQIA+, ou membros de comunidades como Sinti e Roma, ou eram simplesmente considerados inimigos.

Distante do desejo de produzir um retrato oficial das variadas possibilidades existentes entre “Poesia e Holocausto”, este volume é uma das inúmeras contribuições possíveis a revelar o trabalho em poesia das vítimas do extermínio. Esta reunião, embora não linear, cobre distintos períodos da Shoá, chegando até vozes de gerações pós-Holocausto. Por isso, revela vivências que, ao mesmo tempo, se aproximam e se afastam, apresentando os trânsitos entre a singularidade e a coletividade existentes no trauma, na memória e na criação.

Porque a poesia é um exercício que constantemente nos faz recordar que resistência é sempre em coletivo, os poemas desta publicação falam diretamente aos nossos dias. Esta iniciativa tomou forma a partir do chamado realizado pela 15ª Primavera dos Museus, semana de eventos promovida pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), cujo tema em 2021 é “Museus: perdas e recomeços”.

As poetas e os poetas aqui confrontam a morte e enfrentam a vida, ainda que diante do insuportável, fazendo de suas obras e ofícios atos políticos, atividades vitais, documentos que atravessam o tempo - tornando públicos os horrores do genocídio, homenageando os sobreviventes, formulando a imensa violência, imaginando futuro, refazendo o mundo, desfazendo o medo.

O número 18, na cultura judaica, é equivalente ao valor numérico da palavra “chai”, que significa “vivo”. É assim que gostaríamos que essas palavras ressoassem: como chamados à vida, a construção de memórias e narrativas de persistência, mesmo quando tudo parece tão contrário a isso.

Que estes poemas sejam força, convites contra o silêncio,

Francisco Mallmann e Laura Nicolli
organizadores da publicação



Para minha mãe, de Anne Ranasinghe

Eu não sei
Em que estranha terra distante
Eles enterraram você;
Nem quais fortes ventos do norte
Sopram pelos restos,
Os secos, duros restos
Sobre sua cova.

E você pensou em mim
Naquela manhã fria-azul de dezembro,
Pesada-neve e amarga,
Enquanto você caminhava nua e tremendo
Sob o céu de chumbo,
Naquele último momento
Quando você soube que era o fim,
O fim de nada
E o começo de nada,
Você pensou em mim?

Ah, eu me lembro de você, minha tão querida,
Suas mãos pálidas se espalharam
Na antiga bênção
Seus olhos brilhantes brilhando
Acima das velas
Entoando a bênção

Bendito seja o Senhor...
E aí reside a agonia,
A agonia e o horror
De que, depois de tudo, não houve martírio
Mas apenas futilidade -
A futilidade de morrer
O fim de nada
E o começo de nada.
Eu choro lágrimas vermelhas de sangue.
Seu sangue.

*Traduzido do inglês por Francisco Mallmann e Laura Nicoli, disponível [aqui](#).
(acessado em 10 de setembro de 2021)*



Anne Ranasinghe (1925-2016) nasceu Anneliese Katz, em Essen, na Alemanha. Por conta da perseguição nazista, foi enviada por seus pais para a Inglaterra, para viver com uma tia – eles seriam mortos e ela descobriria muitos anos mais tarde. Pouco tempo depois de chegar ao novo destino, em razão da guerra, teve de ir para o Sri Lanka. Lá, se tornaria uma das mais destacadas poetisas do país. Em 1971, publicou seu primeiro livro de poesia – após este, seriam outros 11, traduzidos para vários idiomas.

Oração aos vivos para que sejam perdoados por estarem vivos, de Charlotte Delbo

Eu suplico-vos
fazei qualquer coisa
aprendei um passo
uma dança
alguma coisa que vos justifique
que vos dê o direito
de vestir a vossa pele o vosso pêlo
aprendei a andar e a rir
porque será completamente estúpido
no fim
que tantos tenham sido mortos
e que vós viveis
sem nada fazer da vossa vida.

*Traduzido por Ricardo Domeneck, disponível [aqui](#)
(acessado em 10 de setembro de 2021)*

Em janeiro de 1943, 230 mulheres foram deportadas de trem pelo exército alemão. Nenhuma delas era judia. O motivo da detenção era a resistência à ocupação nazista da França. Após três dias de viagem, as portas dos vagões se abriram, revelando o destino final: o complexo de extermínio de Auschwitz-Birkenau. Deste comboio, apenas 49 sobreviveram. Entre elas, estava a escritora Charlotte Delbo (1913-1985), marcada com o número “31661”. Liberada pela Cruz Vermelha em abril de 1945, após passar pelos campos de Raisko e Ravensbrück, Delbo foi repatriada para a França, via Suécia, em junho do mesmo ano.

Sem título, de Ingeborg Bachmann

eu perco meus gritos
como uma pessoa perde
seu dinheiro, suas moedas,
seu coração, meus gritos mais
altos eu perco em
roma, em todo lugar, em
berlim, pelas ruas eu
efetivamente perco
meus gritos, até que
meu cérebro se cobre
de névoa vermelha, eu perco tudo,
a única coisa que eu
não perco é esse pavor
de saber que uma pessoa
pode perder seus gritos
todos os dias
em qualquer lugar

*Traduzido por Adelaide Ivánova, disponível [aqui](#).
(acessado em 10 de setembro de 2021)*

Nascida em Klagenfurt, na Áustria, Ingeborg Bachmann (1923-1973) teve seu primeiro livro de poemas publicado em 1953. Recebeu, em 1964, o Prêmio Georg Büchner, o mais importante do idioma alemão. Sua obra contém ecos da Segunda Guerra e inclui desde a decepção com um pai que se uniu ao partido nazista, até a imagem de um desfile de tropas que ela teria visto quando criança e que a aterrorizou pelo resto da vida. A obra de Bachmann é uma das mais conhecidas, no âmbito internacional, dentre os autores de língua alemã do pós-guerra.

Estas palavras são dedicadas àqueles que morreram, de Irena Klepfisz

Estas palavras são dedicadas àqueles que morreram
porque não tinham amor e se sentiam sozinhos no mundo
porque estavam com medo de ficar sozinhos e tentaram resistir
porque não podiam perguntar
porque foram afastados
porque estavam doentes e seus corpos não podiam resistir à
doença
porque não se arriscaram
porque não tinham conexões
porque não tinham fé
porque sentiram que não pertenciam e queriam morrer

Estas palavras são dedicadas àqueles que morreram
porque eram solitários e gostavam disso
porque fizeram amigos e atraíram outros para eles
porque correram riscos
porque eram teimosos e se recusavam a desistir
porque pediram muito

Estas palavras são dedicadas àqueles que morreram
porque um cartão foi perdido e um número foi pulado
porque uma cama foi negada
porque um lugar foi preenchido e nenhum outro sobrou
Estas palavras são dedicadas àqueles que morreram
porque alguém não cumpriu

porque alguém negligenciou e esqueceu
porque alguém deixou tudo para Deus
porque alguém estava atrasado
porque alguém nunca chegou
porque alguém disse a eles para esperar e eles simplesmente
não podiam mais

Estas palavras são dedicadas àqueles que morreram
porque a morte é uma punição
porque a morte é uma recompensa
porque a morte é o descanso final
porque a morte é uma fúria eterna

Estas palavras são dedicadas àqueles que morreram

Bashert

Estas palavras são dedicadas àqueles que sobreviveram

Estas palavras são dedicadas àqueles que sobreviveram
porque a professora da segunda série deu-lhes livros
porque não chamaram a atenção para si próprios e se
perderam na confusão
porque conheciam alguém que conhecia outro alguém
que poderia ajudá-los e os jogou em um canto na tarde de
quinta-feira
porque não se arriscaram
porque foram sortudos

Estas palavras são dedicadas àqueles que sobreviveram
porque sabiam como cortar caminho
porque chamavam atenção para si próprios e sempre eram
escolhidos
porque correram riscos
porque não tinham princípios e eram difíceis

Estas palavras são dedicadas àqueles que sobreviveram
porque se recusaram a desistir e desafiaram as estatísticas
porque tinham fé e confiaram em Deus
porque esperavam o pior e estavam sempre preparados
porque estavam com raiva
porque podiam perguntar
porque tiraram dos outros e salvaram suas forças
porque suportaram humilhação
porque deram a outra face
porque olharam para o outro lado

Estas palavras são dedicadas àqueles que sobreviveram
porque a vida é um deserto e eram selvagens
porque a vida é um despertar e estavam alertas
porque a vida é um florescimento e floresceram
porque a vida é uma luta e lutaram
porque a vida é um presente e eram livres para
aceitá-lo
Estas palavras são dedicadas àqueles que sobreviveram

Bashert

*Traduzido do inglês por Francisco Mallmann e Laura Nicolli, disponível [aqui](#).
(acessado em 10 de setembro de 2021)*

Irena Klpfisz (1941) nasceu no gueto de Varsóvia, filha de Michal Klepfisz, um combatente que morreu no início da revolta, e de Rose Perczykow Klepfisz, que sobreviveu ao Holocausto fingindo ser polonesa. Klepfisz passou a guerra em um orfanato e se reuniu com sua mãe após a liberação. Da Suécia, partiram para os Estados Unidos. Seus poemas e ensaios refletem sua própria biografia, o trânsito entre duas línguas e o desafio de viver como uma feminista lésbica judia.

Sem Título, de Jerzy Ficowski

Não consegui salvar
nem uma vida
não soube deter
nem uma bala
então percorro cemitérios
que não existem
busco palavras
que não existem
corro
para o socorro não pedido
para o resgate tardio
quero chegar a tempo
mesmo que tarde demais

Jerzy Ficowski (1924-2006) tinha 15 anos quando a Polônia foi invadida por tropas nazistas. Durante a ocupação do país, vivia em uma cidade nas proximidades de Varsóvia e fazia parte da resistência polonesa. Membro do Armia Krajowa (AK), foi detido na prisão de Pawiak e participou da Revolta do Gueto de Varsóvia em 1944. Ele foi um poeta, ensaísta, tradutor, letrista e pesquisador do folclore cigano e judaico.

*Traduzido por Piotr Kilanowski, disponível [aqui](#).
(acessado em 10 de setembro de 2021)*

Receita, de Mascha Kaléko

Expulsa os medos
E o medo dos medos
Para os poucos anos
Há de ser o suficiente.
O pão no cesto
E o terno no armário.

Não diga meu.
Tudo te é emprestado.
Vive o momento e vê,
Quão pouco precisas.
Instala-te.
E deixa a mala preparada.

É verdade o que falam:
O que é pra vir, vem.
Não te oponhas ao sofrimento
Se ele está lá,
Encara-o em silêncio.
Ele é efêmero tal qual a felicidade.

Não esperes nada.
E protege bem teu segredo.
Também o irmão trai,
Trata-se de ti ou dele.

Toma tua própria sombra
Como tua companheira.

Varre bem tua sala.
E saúda teus vizinhos.
Ajeita tua cerca
E também o sino no portão.
A ferida em ti está desperta
Debaixo do telhado, por enquanto.

Rasga teus planos. Sê astuto
E te agarra nas maravilhas
Elas já foram há tempos lançadas
No grande plano.
Expulsa os medos
E o medo dos medos.

Traduzido por Valeska Brinkmann, disponível [aqui](#).



Mascha Kaléko (1907-1975) nasceu Golda Malka Aufen, em Chrzanów, atual Polônia. Mudou-se com a família, de origem judaica, para a Alemanha, ainda na década de 1922, numa tentativa de escapar dos Pogrons. Lançou seu primeiro livro de poesia em 1933, o qual rapidamente sofreu censura pelo Partido Nazista. Ela fugiu do país cinco anos depois, em direção aos Estados Unidos. Seus poemas falam do exílio, do cotidiano e do amor na cidade grande.

Sem título, de Motele

A partir de amanhã, ficarei triste...
A partir de amanhã.
Hoje estou alegre.
Para que serve a tristeza, para quê?
Será porque maus ventos começaram a soprar?
Por que devo sofrer já hoje por amanhã?
Talvez amanhã seja um dia melhor, cheio de sol, talvez amanhã
o sol torne a brilhar, e não mais ficaremos tristes.
A partir de amanhã, ficarei triste...
A partir de amanhã.
Hoje, não.
Não, hoje estarei alegre.
E por mais amargo que seja o dia, direi outra vez: a partir de
amanhã, ficarei triste... Hoje, não.

*Traduzido do inglês por Francisco Mallmann e Laura Nicolli, disponível [aqui](#).
(acessado em 10 de setembro de 2021)*

Poema escrito por Motele durante o Holocausto. Não há mais informações sobre o jovem.

Coro dos salvos, de Nelly Sachs

Nós, salvos,
Em cuja ossada vazia a morte já entalhou suas flautas,
Em cujos tendões a morte já roçou seu arco –
Nossos corpos ainda se lamentam
Com sua música mutilada.
Nós, salvos,
Os laços urdidos para nossas gargantas pendem ainda
Diante de nós, no ar azul –
As clepsidras ainda se enchem com nosso sangue gotejante.
Nós, salvos,
Os vermes do medo ainda nos corroem.
Nossa estrela está soterrada no pó.
Nós, salvos,
Vos pedimos:
Mostrai-nos lentamente o vosso sol.
Conduzi-nos, de estrela em estrela, passo a passo.
Deixai que reaprendamos a vida suavemente.
Senão o canto de um pássaro,
O encher do balde no poço
Poderiam romper nossa dor mal-lacrada
E nos levar em espumas.
Nós vos pedimos:
Não nos mostreis ainda um cão mordente –
Poderia ser, poderia ser
Que nos desfizéssemos em pó –

Que ante vossos olhos nos desfizéssemos em pó.
O que nos mantém de pé, então?
Nós, que nos tornamos sem alento,
Nós, cuja alma fugiu para Ele, saindo da meia-noite,
Antes, bem antes que nosso corpo tivesse sido salvo
Na arca do instante.
Nós, salvos,
Apertamos a vossa mão,
Reconhecemos o vosso olho –
Mas apenas a despedida nos une,
A despedida no pó
Nos une a vós.

*Traduzido por Celso Fraga da Fonseca, disponível [aqui](#).
(acessado em 10 de setembro de 2021)*



Nelly Sachs (1891-1970) nasceu em Berlim, na Alemanha. Em 1940, foi enviada para um campo de trabalho forçado, conseguindo, em seguida, fugir para a Suécia com a ajuda da escritora Selma Lagerlöf. Em 1965, ganhou o Prêmio da Paz do Comércio Livreiro Alemão. Dado pelo país do qual fora obrigada a fugir anos antes, ela afirmou ao aceitá-lo: “A despeito de todos os horrores do passado, eu acredito em vocês”. Recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1966, juntamente com Shmuel Yosef Agnon.

Falar com os Becos sem Saída, de Paul Celan

Falar com os becos sem saída
sobre o de defronte
sobre sua
expatriada
significação – :
com dentes de escrever,
mastigar
esse pão

*Traduzido por Celso Fraga da Fonseca, disponível [aqui](#).
(acessado em 10 de setembro de 2021)*

Paul Celan (1920-1970) nasceu em Czernowitz, capital da Bucovina, antiga província do Império Austro-Húngaro. Em 1940, a cidade foi ocupada pelos soviéticos, e no ano seguinte por tropas alemãs e romenas. Em 1942, os seus pais foram deportados para um campo de extermínio, onde morreram poucos meses depois. Celan permaneceu preso, num campo de trabalho, até 1943. Em 1945, partiu para Bucareste. Enaltecido como um dos maiores poetas do pós-Guerra, carregou e registrou em sua obra a marca do terror nazista.

Liberdade, de Paul Éluard

Nos meus cadernos de escola
Nesta carteira nas árvores
Nas areias e na neve
Escrevo teu nome

Em toda página lida
Em toda página branca
Pedra sangue papel cinza
Escrevo teu nome

Nas imagens redouradas
Na armadura dos guerreiros
E na coroa dos reis
Escrevo teu nome

Nas jungles e no deserto
Nos ninhos e nas giestas
No céu da minha infância
Escrevo teu nome

Nas maravilhas das noites
No pão branco da alvorada
Nas estações enlaçadas
Escrevo teu nome

Nos meus farrapos de azul
No tanque sol que mofou
No lago lua vivendo
Escrevo teu nome
Nas campinas do horizonte
Nas asas dos passarinhos
E no moinho das sombras
Escrevo teu nome

Em cada sopro de aurora
Na água do mar nos navios
Na serrania demente
Escrevo teu nome

Até na espuma das nuvens
No suor das tempestades
Na chuva insípida e espessa
Escrevo teu nome

Nas formas resplandecentes
Nos sinos das sete cores
E na física verdade
Escrevo teu nome

Nas veredas acordadas
E nos caminhos abertos
Nas praças que regurgitam
Escrevo teu nome

Na lâmpada que se acende
Na lâmpada que se apaga

Em minhas casas reunidas
Escrevo teu nome
No fruto partido em dois
de meu espelho e meu quarto
Na cama concha vazia
Escrevo teu nome

Em meu cão guloso e meigo
Em suas orelhas fitas
Em sua pata canhestra
Escrevo teu nome

No trampolim desta porta
Nos objetos familiares
Na língua do fogo puro
Escrevo teu nome

Em toda carne possuída
Na frente de meus amigos
Em cada mão que se estende
Escrevo teu nome

Na vidraça das surpresas
Nos lábios que estão atentos
Bem acima do silêncio
Escrevo teu nome

Em meus refúgios destruídos
Em meus faróis desabados
Nas paredes do meu tédio
Escrevo teu nome

Na ausência sem mais desejos
Na solidão despojada
E nas escadas da morte
Escrevo teu nome

Na saúde recobrada
No perigo dissipado
Na esperança sem memórias
Escrevo teu nome

E ao poder de uma palavra
Recomeço minha vida
Nasci pra te conhecer
E te chamar

Liberdade

*Traduzido por Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira,
disponível [aqui](#).*



“Liberdade”, de Paul Éluard (1895 – 1952) foi originalmente escrito em 1942, com o título “Une seule pensée” [Um único pensamento], e transportado de forma clandestina da França ocupada para a Inglaterra. Em 1943, ele foi distribuído em panfletos lançados nos céus da Europa por aviões aliados. O responsável pelo contrabando foi o brasileiro Cícero Dias, que posteriormente foi condecorado pelo governo francês com a Ordem Nacional do Mérito.

Sem título, de Peretz Markish

Eu não sei se eu estou em casa
ou desabrigado.
Estou correndo, minha camisa
sem botões, sem limites, ninguém
me segura, sem começo,
sem fim
meu corpo é espuma
cheiro de vento
Agora
é meu nome...
Se eu jogar fora minhas mãos,
Elas dariam ao mundo um golpe de ponta a ponta
Se eu deixar meus olhos vagarem,
Eles dariam ao mundo um golpe de uma ponta a outra,
Se eu deixar meus olhos vagarem,
Eles devorariam o mundo de baixo para cima!
Com os olhos abertos, com uma camisa desabotoada,
Com as mãos estendidas,
Eu não sei se eu tenho uma casa,
Ou tenho uma distância,
Se eu sou um começo, ou um fim.

*Traduzido do inglês por Francisco Mallmann e Laura Nicolli, disponível [aqui](#).
(acessado em 10 de setembro de 2021)*

Peretz Markish (1895 – 1952) foi um poeta, romancista e dramaturgo judeu russo, que escrevia predominantemente em ídiche. Em 12 agosto de 1952, Markish estava entre 15 judeus soviéticos que foram secretamente julgados e condenados por crimes capitais, incluindo traição, espionagem e nacionalismo burguês. Eles eram visados devido à sua participação no Comitê Anti-Fascista Judaico e à sua resposta às atrocidades nazistas no território soviético ocupado.

Vassalagem, de René Char

Pelas ruas da cidade anda meu amor. Pouco importa aonde vai no tempo cindido. Não é mais meu amor, todos podem lhe falar. Já não se lembra; quem mesmo o amou?

Ele procura seu par na promessa dos olhares. O espaço que percorre é minha fidelidade. Esboça a esperança e ligeiro a rejeita. É preponderante sem tomar parte.

Vivo em suas profundezas como um feliz naufrágio. Sem ele saber, minha solidão é seu tesouro. No grande meridiano onde alça seu voo, vem minha liberdade esvaziá-lo.

Pelas ruas da cidade anda meu amor. Pouco importa aonde vai no tempo cindido. Não é mais meu amor, todos podem lhe falar. Já não se lembra; quem mesmo o amou e o ilumina de longe para não tropeçar?

*Traduzido por Raphael Luiz de Araújo, disponível [aqui](#).
(acessado em 10 de setembro de 2021)*

René Char (1907 - 1988) fez parte do grupo surrealista francês por um curto período, junto a nomes como Paul Éluard, André Breton e René Crevel. Durante a ocupação do país pela Alemanha Nazista, foi capitão da resistência, comandando o serviço de paraquedismo na zona de Durance. Seus escritos, no decorrer e após a Guerra, tratam de sua experiência, sua denúncia do nazismo e da colaboração francesa.

Ainda, estás aqui, de Rose Ausländer

Lança teu medo
aos ares

Em breve
acaba teu tempo
em breve
cresce o céu
sob a grama
despençam teus sonhos
nenhures

Ainda
cheira o cravo
canta o melro
ainda tens um amante
e palavras para doar
ainda estás aqui

Sê o que és
Dá o que tens

*Traduzido de Ricardo Domeneck, disponível [aqui](#).
(acessado em 10 de setembro de 2021)*

Rose Ausländer (1901 - 1988) nasceu na região da Bucovina, em uma família de origem judaica. Ainda jovem, partiu para os Estados Unidos, fugindo da crise financeira que viviam seus pais. Ao retornar, no fim da década de 1920, deparou-se com os primeiros movimentos do horror nazista. Impedida de deixar seu país, ela sobreviveu à ascensão de Hitler e à Guerra escondendo-se com a mãe em guetos da região. No de Czernowitz, conheceu o poeta Paul Celan. Em 1946, ela abandonou não apenas o continente europeu, como também a língua alemã, passando a escrever em inglês.

Auschwitz, de Santino Spinelli

Rostos magros,
olhos apagados,
lábios frios,
silêncio,
um coração partido,
sem ar,
sem palavras,
sem lágrimas

Santino Spinelli (1964) é um multiartista italiano. “Auschwitz” está no Memorial dedicado aos povos roma e sinti, vítimas do Holocausto, inaugurado em 2012, em Berlim, na Alemanha. Spinelli é fundador e presidente da associação “Thèm Romanó” e membro da União Internacional Romani.

*Traduzido do inglês por Francisco Mallmann e Laura Nicolli, disponível [aqui](#).
(acessado em 10 de setembro de 2021)*

Um Poema, de Selma Merbaum

Eu quero viver
Quero rir e suportar o sofrer
e quero lutar e amar e odiar
e o céu com as mãos quero alcançar
e quero ser livre e respirar e gritar então
Não quero morrer. Não!
Não.

Selma Merbaum (1924 - 1942) faleceu aos 18 anos, de tifo, em um campo de concentração nazista. A jovem reuniu sua criação poética pouco antes da sua deportação, e a enviou a um amigo, com a anotação “Não tive tempo de terminá-los”. “Um Poema” foi escrito em 1941, poucos meses antes de sua família ser obrigada a mudar-se para um gueto.

*Traduzido do inglês por Francisco Mallmann e Laura Nicolli, disponível [aqui](#).
(acessado em 10 de setembro de 2021)*

Minha poesia, de Tadeusz Różewicz

nada traduz
nada explica
nada expressa
não abarca totalidade alguma
não reifica esperança alguma

não cria regras novas
não participa de diversão alguma
possui lugar definido
que deve preencher

se não é esotérica
se não é original
se não deixa perplexo
assim deve então supostamente ser

obedece à própria necessidade
às próprias possibilidades
e limitações
é autodominada

não substitui coisa alguma
não pode ser substituída por coisa alguma
é aberta a tudo
sem segredos

possui muitas tarefas
que jamais satisfaz

*Traduzido por Aleksandar Jovanović, disponível [aqui](#).
(acessado em 10 de setembro de 2021)*



Tadeusz Różewicz (1921 - 2014) foi um poeta, dramaturgo e tradutor, parte da primeira geração de escritores poloneses nascidos depois que o país reconquistou sua independência. Filho de uma mulher judia que se converteu ao catolicismo, publicou sua primeira poesia em 1938. Durante a Segunda Guerra Mundial, foi membro do Armia Krajowa (AK). Seu irmão mais velho, Janusz, também poeta, foi executado pela Gestapo em 1944, por atuar na resistência polonesa.

A Lei Semelhante ao Amor, de W. H. Auden

A Lei, dizem os jardineiros, é o sol,
a Lei é aquele
que todos os jardineiros obedecem:
amanhã, ontem, hoje.

A Lei é a sabedoria dos mais velhos,
os débeis avós agudamente ralham;
os netos mostram a língua triplicada,
a Lei são os sentidos dos jovens.

A Lei, diz o padre com um olhar sacerdotal,
explicando para gente não sacerdotal,
a Lei são as palavras do meu livro sacerdotal,
a Lei é o meu púlpito e o meu campanário.

A Lei, diz o magistrado olhando a ponta do nariz,
falando claro e com rigor,
a Lei é, como eu já vos disse,
a Lei é, como suponho que sabeis,
a Lei é apenas, deixai-me esclarecê-lo uma vez mais,
a Lei é a Lei.

Mas escrevem os doutos, submissos à lei:
a Lei não é o erro nem o direito,
a Lei são apenas crimes

punidos conforme os lugares e tempos,
a Lei é a roupa que os homens trazem
em qualquer tempo, em qualquer lugar,
a Lei é o Bom dia e o Boa Noite.
Dizem outros, a Lei é o nosso Destino;
dizem outros, a Lei é o nosso Estado;
dizem outros, dizem outros,
a Lei já não existe,
a Lei se foi embora.

E sempre a multidão irada e clamorosa,
muito irada e muito clamorosa:
a Lei somos Nós,
e sempre o idiota de voz macia, maciamente: Eu.

Se nós, querida, sabemos que não sabemos mais
do que eles a propósito da Lei;
se eu não sei mais do que tu
o que devemos e o que não devemos fazer,
a não ser que todos concordam
com alegria ou tristeza
em que a Lei existe
e todos sabem disso;
se portanto, julgando absurdo
identificar a Lei com alguma outra palavra,
diversamente de tantos homens
eu não posso dizer que a Lei existe de novo,
não podemos reprimir mais do que eles
o universal desejo de conjeturar
ou de escapar de nossa posição

para uma condição de indiferença.
Embora eu possa pelo menos restringir
tua vaidade e a minha
a fixar timidamente
uma tímida semelhança,
blasonaremos de algum modo:
como o amor, digo eu.
Como o amor, que não sabemos onde ou por que,
como o amor, que não podemos obrigar ou fugir,
como o amor, que freqüentemente choramos,
como o amor, que poucas vezes conservamos.

O inglês W. H. Auden (1907 - 1973) é considerado um dos maiores poetas do século XX. Em 1935, ele se casou com Erika Mann, filha do escritor Thomas Mann, na intenção de ajudá-la a tirar passaporte britânico para fugir da Alemanha nazista. Auden deixou uma vasta obra que inclui poesia, drama e ensaios, constituindo uma influência marcante para as gerações seguintes de poetas de língua inglesa.

*Tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos, disponível [aqui](#).
(acessado em 10 de setembro de 2021)*

O campo de fome nos arredores de Jasło, de Wislawa Szymborska

Escreva isto. Escreva. Com tinta comum.
No papel comum: não lhes deram de comer,
Todos morreram de fome. Todos.
Quantos?
É um prado grande. Quanta grama para cada um? Escreva: não sei.
A história arredonda os esqueletos para zero.
O mil e um ainda é mil.
Aquele um é como se nunca tivesse existido:
Feto imaginado, berço vazio,
A cartilha aberta para ninguém,
O ar que ri, grita e cresce,
A escada para o vazio que corre para o jardim,
Lugar de ninguém na fileira.

E se fez carne, aqui, no prado em que estamos.
E ele silencia como a testemunha comprada.
Ao sol. Verde. Ali pertinho o bosque
Para mascar a madeira, sorver de sob a cortiça
Uma porção da vista cotidiana,
Até que se fique cego. No alto, um pássaro,
Que passava pelas bocas sua sombra
De asas nutritivas. Abriam-se as mandíbulas,
Batia o dente no dente.

De noite no céu reluzia a foice e ceifava agosto para os pães sonhados.
Vinham voando as mãos dos ícones enegrecidos,
Com cálices vazios entre os dedos.
No espeto de arame farpado
Balançava um homem.
Cantavam com terra na boca.
Uma canção linda
Sobre a guerra que atinge direto o coração.
Escreva: que silêncio aqui. Sim.

*Traduzido de Piotr Kilanowski, disponível [aqui](#).
(acessado em 10 de setembro de 2021)*



Wisława Szymborska (1923 - 2012) nasceu em Bnin, na Polônia. Acompanhou a família em sua mudança para Cracóvia, em 1931. Após o fim da Segunda Guerra, ela conseguiu estudar Literatura e Sociologia, e também estreou como poeta em um jornal proeminente. Concluiu seu primeiro livro em 1948, uma coletânea de poemas que não chegou a ser publicada, já que o regime comunista a considerou demasiadamente burguesa. Posteriormente, adaptou seu discurso para abordar as tramas da censura que experienciou. Ao longo da vida, publicou doze pequenas coletâneas de poemas. Venceu o prêmio Nobel de Literatura em 1996.

Lista de imagens

Página 05: United States Holocaust Memorial Museum Photo Archives, disponível [aqui](#).

Página 08: Yad Vashem Photo and Film Archives, disponível [aqui](#).

Página 22: Yad Vashem Photo and Film Archives, disponível [aqui](#).

Página 28: United States Holocaust Memorial Museum Photo Archives, disponível [aqui](#).

Página 36: United States Holocaust Memorial Museum Photo Archives, disponível [aqui](#).

Página 50: United States Holocaust Memorial Museum Photo Archives, disponível [aqui](#).

Página 58: United States Holocaust Memorial Museum Photo Archives, disponível [aqui](#).

Ficha Técnica

Idealização e Organização
Francisco Mallmann e Laura Nicolli

Design e Diagramação
Nicholas Steinmetz

Coordenação-geral do Museu do Holocausto de Curitiba
Carlos Reiss

Realização
Associação Casa de Cultura Beit Yaacov
Museu do Holocausto de Curitiba

Presidente
Miguel Krigsner

museu do
Holocausto
CURITIBA | BR

